

investimento credibilidade é o melhor



CARTA MENSAL

Junho de 2021

Carta Mensal | Junho21 | O país da insônia dos brasileiros de bem!

Quem de nós já ouviu a expressão “dormir o sono dos justos”? Creio que muitos. Pois é, mas em nosso querido Brasil varonil de glórias mil, o país do samba, do carnaval e futebol, parece ser cada vez mais difícil colocar a cabeça no travesseiro e dormir serenamente “esse sono”. Muitos merecem, mas parece que esse merecido e reparador momento continua sendo algo difícil na essência para muitos, nos tempos atuais. As aflições e agruras vividas em nosso dia a dia, são as mais variadas! Haja doses de zolpiden, diria um médico e grande amigo. Mas outra questão que me chama atenção é que o nosso Brasil, o “país do futuro”, permanece quase sempre em “modo avião” e com “efervescências infundáveis”. Parece não saber “viver” de outra forma. Impressão ser assim desde os tempos de Cabral. Seria uma espécie de “karma ad aeternum”? Provocação para nossa reflexão. Pois bem, “o sono” em seu sentido literal, é aquele amigo leal das noites bem dormidas, quando nossos olhos se fecham, e a consciência tranquila se fortalece, e que traz consigo a sensação de dever cumprido com dignidade e honestidade. Isso deveria ser sempre o resultado justo do “pós descanso” para todos os brasileiros de bem. Mas o emprego, a inflação, a conta de luz, a gasolina, os impostos, a política (e os políticos...) etc... estão sempre nos causando calafrios. E ter uma dose de otimismo, é sempre positivo, já que tudo tem o seu tempo de maturação. E nada acontece sem estar no tempo certo, e com certeza já estamos a caminho de um “novo ciclo”, que aos poucos está resplandecendo. E como disse um dia Charles Chaplin¹: “Na vida tudo passa, até nossos problemas...”. Acho que ele disse isso porque não morou por aqui. Desculpe a “pitada de humor”, mas não resisti. Somos uma democracia jovem, natural que ainda exista percalços, dores e dissabores. Mas devemos sempre nos encher de esperança, pois mesmo “não gostando do piloto”, é preciso que o vôo seja aprazível e a aterrissagem a mais suave possível, para bem geral da nação. “Amarrem as cargas” povo brasileiro, a decolagem rumo a dias melhores já está autorizada!

Partimos então para alguns dos principais fatos do mês, e que de alguma forma merecem uma dose de explanação. E como sempre assuntos não faltarão.

Falando primeiramente de cenário interno, iniciaremos nosso tour falando de PIB e inflação, assuntos recorrentes nos dias atuais. Em relação ao PIB brasileiro, este cresceu 1,2% no 1º trimestre de 2021, na comparação com o trimestre anterior, conforme dados divulgados pelo IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. O resultado veio acima do esperado e de certa forma surpreendeu o mercado. Em se mantendo esse cenário no próximo semestre, o carregamento estatístico para o ano de 2021 (sem considerar contração nem crescimento na economia) facultará uma alta de PIB ao redor de 5%. Por sua vez, o PIB estará no mesmo nível verificado ao final de 2019, antes dos efeitos da pandemia, o que “praticamente zera” o efeito da crise. À aceleração da aplicação das vacinas com a reabertura gradual dos mercados, traz um norte positivo para a recuperação dos índices de confiança, em especial para setores como comércio e serviços, que se beneficiam bastante desta conjunção de fatores. Assim, mantendo-se expectativas de um 2º semestre mais forte (como habitualmente é) podemos já imaginar algum crescimento real para a economia brasileira. E com dados melhores do que o esperado em termos de arrecadação, isso por si só também corrobora positivamente para que a relação dívida/PIB fique mais próxima de 80%, e as perspectivas assim melhorando a cada trimestre. Se esse “script” se confirmar, ufa ... mister Paulo Guedes, agradecerá e muito!

Por outro lado, temos a sempre “temida” inflação, que continua rondando e dando sinais nada animadores, e deixando de “cabelo em pé” os homens que fazem uso dos instrumentos de política monetária no país. Não à toa, tivemos a terceira alta seguida da SELIC, ou seja, mais 0,75% de aumento, chegando assim ao patamar de 4,25% a.a..

E pelo “andar da carruagem”, aumento na taxa de juros não deve parar por aí, e seguramente mais uma elevação virá na próxima reunião do COPOM no início do mês de agosto. Não ficaríamos surpresos se essa vier em magnitude maior, como 1% por exemplo. O IPCA-15 subiu 0,83% em junho, quase o dobro do registrado no

¹**Charles Chaplin:** Foi ator, comediante, diretor, compositor, roteirista, cineasta, editor e músico britânico. Foi um dos atores da era do cinema mudo, notabilizado pelo uso de mímica e da comédia pastelão.



mês anterior, que foi 0,44%. Componentes como energia elétrica e combustíveis contribuíram sozinhas com 0,34% desta alta. Já o item habitação foi a campeã, “contribuindo” em 0,26% para o resultado do mês. No ano, o índice já acumula alta de 4,13% e em 12 meses 8,13%, bem acima do centro da meta. Logo, a Ata do Copom divulgada trouxe consigo um duro discurso no combate à inflação. E não para menos, o BC- Banco Central - já vem reforçando essa mensagem continuamente, ou seja, se a “marvada inflação” continuar acelerando, será necessário um choque de voltagem maior. O comunicado também deixa claro que o BC pretende usar todos os meios disponíveis para “normalizar a taxa de juros ainda em 2021”, e para isso deve levar a SELIC para o patamar de 6,5% a.a. E nesta linha, o Boletim FOCUS divulgado na última semana do mês, já se denota uma leve expectativa de estabilidade na inflação de 2022. Lembrando que o próximo ano teremos eleições, e como imaginamos, muita “água por debaixo da ponte” irá passar. “Haja coração”, diria Galvão Bueno.

É notório que o BC tem feito sua parte, com os instrumentos que dispõe, para frear o ímpeto de inflação. Essa equação é complicada, como sabemos, uma vez que enfrentamos um quadro de desajustes dos mais variados na cadeia de suprimentos de vários setores. Com esse ambiente natural de desequilíbrios, para que “as coisas” entrem minimamente nos eixos, passam a depender da conjunção positiva de vários fatores. Por exemplo, os preços de alimentos não devem a priori cair automaticamente, em função da correção de algumas commodities. A pressão no preço dos combustíveis (alta no ano em torno de 25%), e na energia (que teve 52% de reajuste pela ANEEL na bandeira vermelha) são também componentes que não se podem desprezar, e com certeza são fatores que continuarão no curto prazo a pressionar a inflação. Os desafios são grandes em todas as esferas, mas sem “luta e estratégia, não se vence o inimigo”. E o Banco Central está muito comprado “nessa luta” e tentando fazer bem a sua parte, ainda que os efeitos e dores sejam sempre sentidos imediatamente no “bolso” do trabalhador assalariado. É a vida!

Outros assuntos, não menos relevantes, também habitaram os holofotes de Brasília e das páginas da mídia no referido mês. São eles: i) a privatização da Eletrobrás que enfim parece ter saído do papel; ii) a necessária Reforma Tributária, que ainda ganhará contornos e discussões que atravessarão as alamedas centrais e madrugadas, iii) a taxação de dividendos, indigesto assunto, que ainda ganhará muitas páginas e capítulos; e por último iv) Governo enviou projeto que modifica a cobrança do Imposto de Renda para PF's, PJ's e Investimentos. Como podem ver, é “assunto para mais de metro, sô!”, como diz meu tio lá de Araraquara/SP. E se começarmos a esmiuçar e discorrer agora sobre esses temas, terminaremos provavelmente só em 2023 ou 2024.

Talvez estejamos vivendo um momento parecido com outras épocas, mas ao mesmo tempo diferente. Parece uma visão estranha, mas é real. Temos visto acontecer o “boom” de commodities, recordes na bolsa, retomada gradual da economia, avanço das vacinações, PIB reagindo, mas... o emprego não reage. Por que será? Quem tiver a melhor equação e a solução, com certeza ganhará um “podcast” especial e personalizado do super ministro Paulo Guedes, e quiçá do Presidente da República. Fato é que ainda possuímos no 1º trimestre de 2021, segundo dados do IBGE, algo como 14,7% da população desempregada. Herança de muitos governos anteriores, e realidade do atual. Dor de cabeça constante aos futuros sucessores do Planalto Central.

Outro assunto recorrente em tempos de pandemia é o Auxílio emergencial. E neste mês que entra (julho) tudo indica uma nova ampliação do benefício, agora por mais 3 meses. Seguramente essa ação trará ainda mais “pressão fiscal” para as contas públicas do país, já que deverá custar aos cofres públicos algo ao redor de R\$ 18 bilhões segundo estimativas iniciais. “Apertem os cintos senhores passageiros”, porque com certeza muita gente graúda dos Ministérios do Planejamento e Economia continuarão fazendo exercícios hercúleos para “arrumar mais bufunfa” para os cofres da União, e assim diminuir o tamanho do “buraco”. E de onde virá parte, já fazemos alguma ideia.

No campo do agronegócio, seguem alguns dados, como sempre procuramos trazer em nossa carta mensal. O crédito para o agronegócio aumentou 6,3% em relação aos valores da safra anterior, segundo dados

dados divulgados. O PAP (Plano Agrícola e Pecuário) 2021/2022 foi divulgado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), e será da ordem de R\$ 251 bilhões. Deste volume, 177,7 bilhões serão destinados ao custeio e comercialização, e R\$ 73 bilhões para investimentos. Fora destinado também um volume de R\$ 34 bilhões para PRONAMP-Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor Rural. Segundo pronunciamento da Ministra Teresa Cristina, o plano dará as condições para que o agronegócio se mantenha altamente dinâmico e relevante para a economia do país. E cá entre nós, o setor merece todo esse apoio e muito mais!

Dando um pequeno pitaco sobre grãos exportados neste 1º semestre do ano, somente o “complexo soja”, que envolve o grão, o farelo e o óleo, já foi embarcado 72% do volume em 2020. Trazendo uma ordem de grandeza, em 2020 as exportações deste mesmo complexo renderam ao país algo em torno de US\$ 35 bilhões, enquanto em 2021 as exportações já perfizeram 83% do total do ano passado, ou algo ao redor de US\$ 29 bilhões.

Fechando o cenário nacional, é certo que vislumbramos um 2022 com vários ingredientes, tudo para que de fato seja um ano bem atípico e com fortes emoções. Sinceramente, serão bons enredos com roteiro pronto para Fellini² filmar, e ficar certamente boquiaberto. Podem preparar luzes e câmeras, porque o palco já está pronto, e atores principais teremos aos montes. Aguardem o desfecho!

Mudamos agora o rumo da nossa prosa, e partimos em nosso tour pelo mercado externo.

A começar por assuntos na principal economia do planeta, Estados Unidos da América, a inflação também tem se tornado preocupação geral das autoridades monetárias locais. Sem falar também que assuntos relacionados ao comércio bilateral com o gigante asiático (China) continua de certa forma “indigesto”. E cabe também darmos uma “palhinha” sobre o 1º encontro pessoal de Mr. Biden com o “number one” russo, Mr. Vladimir Putin. Vamos lá, discorreremos a respeito.

Iniciando pela parte que envolve a inflação, o Comitê de Política Monetária do Federal Reserve (FED), manteve a taxa básica local no intervalo entre 0% e 0,25% a.a., naquela que marcou a 4ª reunião do ano. Resultado a priori veio em linha com as expectativas gerais de mercado. O presidente do FED, Mrs. Jerome Powell, em coletiva de imprensa, afirmou que a “inflação de fato sofreu uma alta significativa nos últimos meses”, parte advinda da base fraca de comparação e custos de energia, mas também com a retomada da economia. Contudo, Membros do Comitê, reforçaram em comunicado o comprometimento do FED em fazer uso de todas as ferramentas possíveis e disponíveis para que a economia americana atinja seus objetivos, principalmente no que tange a criação e preservação de empregos e manutenção geral dos preços. Na verdade, o discurso pouco se alterou, já que a inflação continua no radar e que a mesma “ainda reflete fatores transitórios”, e que logo irão arrefecer.

Sobre algumas projeções e dados, divulgaram : i) PIB americano próximo a 7% em 2021; ii) Inflação medida pelo PCE-Centro (Preços de Consumo Pessoal) ao redor de 3%; iii) Para 2022, ainda não há consenso sobre patamar dos juros, mas para 2023 há indicativo de aumento ; iv) Manutenção do programa de compra de ativos na ordem de US\$ 120 bilhões; v) PPI (Índice de Preços ao Produtor) situou-se dentro das expectativas, ou seja, 0,8% em relação a maio; e por último vi) Criação de 850 mil novos empregos, acima da expectativa de 700 mil, com taxa de desemprego ficando em torno de 5,8%. Sem dúvida alguma, vai ficando evidente que a retomada do crescimento da economia americana vem acontecendo a passos largos. Ótimo sinal ao mundo todo!

A Chefe de Comércio dos EUA, Mrs. Gina Raimondo, em comunicado recente ao Departamento de Comércio, disse que continua preocupada como vem se desenrolando as políticas industriais adotadas por Pequim. Qual a novidade? Em se tratando de relações comerciais entre as duas maiores economias do planeta, sempre

²**Federico Fellini:** foi diretor e roteirista de cinema italiano. Conhecido por seu estilo distinto, que mistura fantasia e imagens barrocas; É reconhecido como um dos maiores e mais influentes cineastas de todos os tempos.

haverá um lado mais “desconfiado”, digamos. Há “necessidade de igualdade de condições para as empresas norte-americanas na China” e de “proteger dados de tecnologia”, afirmou. “Meno male” que o Ministério do Comércio Chinês logo tratou de amenizar ao dizer que concorda promover condições para o “desenvolvimento saudável” do comércio bilateral, e que “manterão linhas abertas de comunicação” para este fim. Só esperamos que não haja “sinal ruim” em um dos lados da linha e que a fluência na língua inglesa esteja perfeita.

E na esplendorosa Suíça, mais precisamente em Genebra, aconteceu no dia 16 de junho, a primeira reunião entre os presidentes dos EUA e da Rússia. O que de melhor foi extraído desse encontro? Difícil dizer. Mas torço para que ao menos o “sisudo” Putin tenha presenteado Mr. Biden como uma excelente garrafa de “vodca russa”. Afinal, um pouquinho de gentileza não custa nada. Ou custa. Vários assuntos colocados à mesa, como armas nucleares, ciberataques e claro, o futuro das relações entre os dois países. Ainda que uma das principais intenções do presidente americano seja estabelecer uma mudança na “imagem” de seu antecessor, sabemos que pelos lados russos, as coisas precisam ser “devagar, devagarinho”, como diria o sambista Martinho da Vila. Entre os vários assuntos em pauta, um deles Mr. Biden fez questão de deixar bem claro: “Human Rights Matter,” “Do you understand me?”. Será que o tradutor russo entendeu todos os “recados dados” e conseguiu traduzir ao pé da letra? Vai saber. E o desenrolar só saberemos depois. E olha lá!

Já que chegamos na Europa, vamos aqui fazer menção à alguns acontecimentos pertinentes a região. Na Alemanha, as vendas no varejo referente a maio decepcionaram as projeções iniciais. Dados divulgados mostram que as vendas recuaram 5,5%, dando sinais claros de que as restrições impostas pelo coronavírus ainda os afetam. O que mitiga este dado é que em termos anuais, as vendas tiveram alta de 4,4%. Sobre a inflação, veio acima do esperado pelas autoridades locais e no acumulado de 12 meses, ficou em 2,5% a.a.. Foi o quinto aumento verificado pelo Departamento Federal de Estatísticas do país (DESTATIS). Acho que a tal “inflação”, que hoje é assunto recorrente, nunca foi tão comentada e acompanhada por lá como temos visto ultimamente. Arrisco até dizer que muitos por lá até esqueceram que inflação ainda existe e quais seus efeitos práticos quando essa sai do prumo.

Pois bem, em reunião ocorrida em um final de semana na 2ª quinzena de junho, com várias autoridades do Banco Central Europeu (BCE), evidenciaram que “ainda” há divergências entre os mesmos sobre o assunto em questão, e qual seria a melhor estratégia a se considerar no combate à inflação. Muito embora Mrs. Lagarde, Presidente do BCE, tenha dito que “tiveram vários progressos” nestas conversas entre os membros do comitê. Disse ainda recentemente que as “perspectivas inflacionárias” entre EUA e Zona do Euro são diferentes, rejeitando qualquer comparação entre as duas economias. Será? Em suas últimas reuniões, tanto BCE quanto FED, mantiveram as taxas de juros. Coincidência? Enfim, nos resta esperar até a reunião de conselho do BCE que ocorrerá em setembro para sabermos os “drivers” adotados. Até lá, vamos acompanhando a evolução do tema.

Mas há também notícias boas-vindas da região. A atividade industrial da Zona do Euro se expandiu em junho em ritmo mais acelerado do que o registrado até então. O índice Geral de Compras (PMI) subiu para 63,4 em junho ante 63 de maio, acima das expectativas preliminares. E leituras acima de 50 indicam movimento de expansão. A parte “ruim” digamos, é que o mercado quando vem forte na ponta da “demanda”, e se há em paralelo um mercado “vendedor” ainda não estruturado, a elevação de preços é certa.

Pelos lados londrinos, a boa notícia fica por conta do acordo firmado com a Austrália, o primeiro pós BREXIT. O acordo prevê o livre comércio entre os países e foi costurado em tempo recorde, 1 ano. Importante passo na geração de novos empregos e corrobora para que empresas voltem a crescer. Sem dúvida, ganha ambos os países. O citado acordo deve gerar algo ao redor de € 825 milhões para economia do país da “terra dos cangurus”. Mr. Boris Johnson e seu homólogo australiano, Scott Morrison, poderão em breve tomar um “belo scotch” juntos. Brindemos!

Abaixo, projeções do Boletim Focus para dez/21:

- PIB Brasil – 5,2%
- IPCA – 6,1%
- IGPM – 18%
- SELIC – 6,5%
- DÓLAR – R\$ 5,04

E assim, finalizamos o 1º semestre de 2021 e a nossa carta mensal do mês. Sabemos que muitos de nós ainda temos mais dúvidas do que certezas, diante de tudo que passamos e temos passado neste período de pandemia. Mas aos poucos vamos retomando o curso normal das nossas rotinas pessoais e profissionais. E se “cada um de nós” continuar firmando pensamentos positivos em prol do país, sobretudo naquilo que mais necessitamos, tenho certeza de que pelas riquezas e pela capacidade em tudo o que esse país produz, poderemos sim enfim sair deste “processo de hibernação” em alguns aspectos e realmente prosperar. Todos juntos seremos sempre mais fortes. Utopia acreditar nisso? Talvez, mas porque não sonhar bons sonhos ao invés de carregar insônias e noites mal dormidas? Somos um país de guerreiros, de gente trabalhadora, que não sucumbi facilmente. E como habitualmente fazemos, deixo aqui uma frase de um “gênio da música” que dispensa apresentações : “Realize seu sonho. Você mesmo vai ter que fazer isso ... Eu não posso acordar você. Você é quem pode se acordar” (John Lennon). Reflitamos!

Obrigado como sempre por vossa leitura e tenham bons sonhos sempre!

O Brave I é um Fundo de Investimento de Multimercado que investe majoritariamente em FIDCs, especificamente em cotas Sêniores e Mezaninos.

O Fundo rendeu 0,59% no mês ou 194% CDI, o que representa CDI + 3,49% a.a.. O Brave I superou o seu benchmark (100% do CDI) em todos os meses desde o seu início, acumulando uma rentabilidade nominal de 7,51% (212% do CDI). No ano o fundo já acumula 2,87% (227% do CDI). O Patrimônio Líquido (PL) aumentou no mês aproximadamente R\$ 3.392 milhões, fechando com R\$ 110.080 milhões.

Buscando incrementar a rentabilidade do Fundo, aplicou-se aproximadamente R\$ 6,8 milhões em 5 ativos diferentes, cuja a rentabilidade média ponderada é de CDI + 5,2% a.a. A carteira fechou o mês com 18 ativos e com uma posição mantida em caixa em 5% e o índice de liquidez (%PL em até 90 dias) em 56,9%.

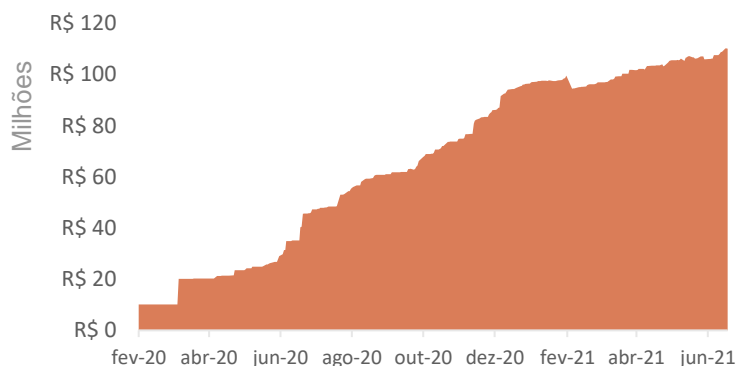
O fundo continua com a estratégia de investir em FIDCs de recebíveis do agronegócio, recebíveis corporativos e operações de consignados INSS. A carteira está alocada 71% em cotas Sêniores e 23% em cotas Mezaninos, resultando em uma subordinação média ponderada de 43,19% da carteira total, sendo esta uma boa margem de proteção aos ativos investidos.

Por fim, a tendência de alta da taxa Selic (previsão Boletim Focus para o fechamento de 2021 é acima de 6,50% a.a.) é algo que não oferece riscos ao fundo, pois os ativos por ele investido possuem, em sua maioria, a rentabilidade atrelada ao CDI +. Dessa forma, a tendência é que com a subida da taxa Selic, suba também a rentabilidade nominal do Brave I.

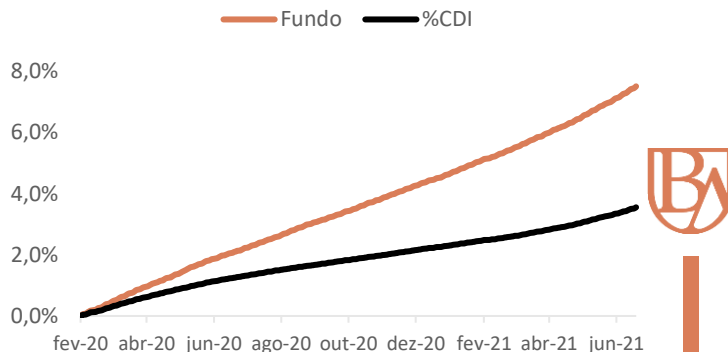
EVOLUÇÃO DA RENTABILIDADE ACUMULADA vs %CDI

		Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Ano	Início
2020	Fundo	-	0,25%	0,53%	0,46%	0,45%	0,38%	0,41%	0,40%	0,37%	0,40%	0,37%	0,40%	4,51%	4,51%
	% CDI	-	154%	156%	160%	189%	181%	209%	249%	234%	255%	251%	246%	201%	201%
2021	Fundo	0,40%	0,36%	0,49%	0,46%	0,54%	0,59%							2,87%	7,51%
	% CDI	265%	267%	248%	221%	203%	194%							227%	212%

EVOLUÇÃO DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO



RENTABILIDADE ACUMULADA x CDI



INDICADORES

PL (R\$)	110.080.161
Volatilidade	0,061%
Ind. Sharpe	64,77
Índice de Liquidez	56,9%



O Brave II é um Fundo de Investimentos Multimercado de Crédito Privado. Sua estratégia é investir em FIDCs, em cotas Subordinadas Jr., Mezaninos e Sêniores, além de outros ativos de crédito.

O Fundo rendeu 0,81% no mês ou 264% do CDI, o que representa CDI + 6,15% a.a.. Quanto ao desempenho desde o início do fundo, este foi de 12,17% (362% do CDI), superando o seu benchmark (100% do CDI) em todos os meses desde o seu início. O Patrimônio Líquido (PL) aumentou aproximadamente R\$ 1,4 milhão, fechando o mês com R\$ 54,8 milhões.

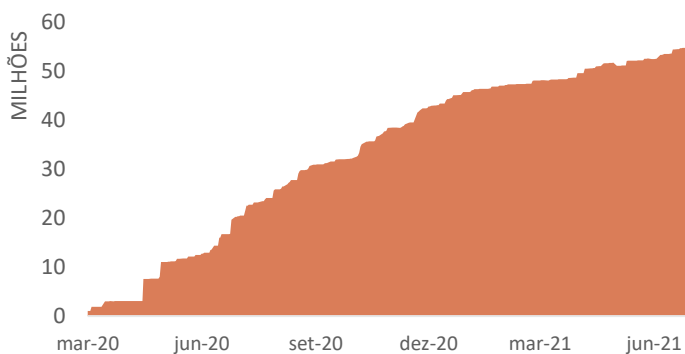
Ressalta-se que a rentabilidade do Fundo foi positivamente influenciada pelo bom desempenho das cotas subordinadas investidas (5 no total) pelo Brave II, dado que estas registraram uma rentabilidade média ponderada de aproximadamente 563% do CDI (CDI +21% a.a.). A carteira ainda é composta por mais 13 ativos. Destaca-se ainda que ao longo do referido mês, na média, a posição mantida em caixa foi de 7% do PL e o indicador de liquidez (%PL em 180 dias) se manteve em bons níveis, fechando o mês em 50,6%.

A carteira do fundo está alocada 34% em cotas Sêniores, 28% em cotas Subordinadas, 27% em cotas Mezaninos, 1% em CRA e 9% em Caixa. Sua estratégia é voltada para o investimento em FIDCs de recebíveis do agronegócio, recebíveis corporativos e operações de consignados INSS.

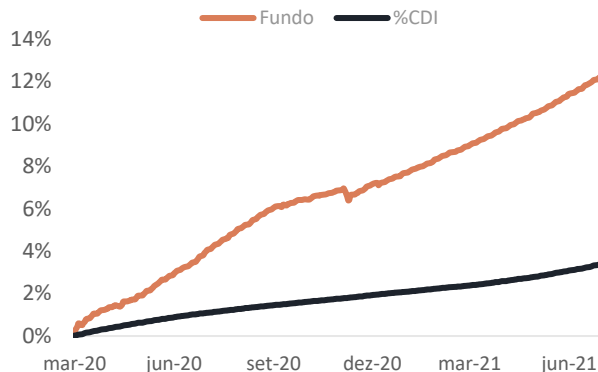
EVOLUÇÃO DA RENTABILIDADE ACUMULADA vs %CDI

		Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Ano	Início.
2020	Fundo	-	-	1,25%	0,63%	0,92%	1,03%	1,11%	0,88%	0,44%	0,39%	0,22%	0,55%	7,67%	7,67%
	% CDI	-	-	371%	221%	390%	484%	569%	549%	282%	249%	149%	334%	371%	371%
2021	Fundo	0,60%	0,56%	0,72%	0,71%	0,72%	0,81%							4,18%	12,17%
	% CDI	400%	414%	364%	341%	270%	264%							330%	362%

EVOLUÇÃO DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO



RENTABILIDADE ACUMULADA x CDI



INDICADORES

PL (R\$)	54.841.478
Volatilidade	0,58%
Ind. Sharpe	15,14
Índice de Liquidez	50,6%

DISCLAIMER

I - Este material não se configura um relatório de análise, conforme a definição da Instrução nº 598/2018 da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), tampouco uma consultoria de valores mobiliários, conforme a definição da Instrução CVM nº 592/2017.

II - Esta mensagem tem conteúdo meramente informativo, não devendo, portanto, ser interpretada como um texto, recomendação de investimento, relatório de acompanhamento, estudo ou análise sobre valores mobiliários e seus emissores que possam auxiliar ou influenciar investidores no processo de tomada de decisão de investimento.

III - Investimentos ou aplicações em títulos e valores mobiliários envolvem riscos, podendo implicar, conforme o caso, na perda parcial ou integral do capital investido ou ainda na necessidade de aporte suplementar de recursos.

IV - A presente publicação e todos seus elementos literais e gráfico constituem uma obra autoral protegida, estando os direitos sobre a mesma reservados.

V - A Brave Asset não será responsável por perdas diretas, indiretas ou lucros cessantes decorrentes da utilização deste material para quaisquer finalidades.

VI - Quaisquer referências e rentabilidades passadas não significam de qualquer forma a garantia ou previsibilidade de rentabilidades futuras.

VII - O Investimento em fundos não é garantido pelo administrador, pelo gestor, por qualquer mecanismo de seguro ou pelo Fundo Garantidor de Crédito – FGC. Este material não deve ser considerado a única fonte de informação para embasar qualquer decisão de investimento. Dentre outras fontes, ao investidor é recomendada a leitura cuidadosa do Regulamento, do Formulário de Informações Complementares e da Lâmina de Informações Essenciais, se houver, antes de Investir.

VIII - As opiniões expressas neste material podem ser alteradas sem prévio comunicado e não constituem oferta de compra ou de venda de títulos ou valores mobiliários ou de instrumentos financeiros de qualquer espécie. Por conseguinte, a Brave Asset se isenta de toda e qualquer responsabilidade por eventuais prejuízos decorrentes de decisões tomadas por investidores com base no conteúdo deste material. Para mais informações, acesse: www.braveasset.com.br





Brave Gestora de Recursos Ltda.

Itaim Bibi – SP | Rua Bandeira Paulista, 275, CJ 111

www.braveasset.com.br

Fone: +55 11 2330 0130

Contato: ri@braveasset.com.br

